

1969

MANUSCRITO: <i>TEATRO</i>
TÍTULO: <i>O APOCALIPSE</i>
TOTAL DE PÁGINAS: <i>039</i>
DATA: <i>27/03/1969</i>

4-2
5
21-5

O APOCALIPSE

roteiro teatral de

PAULO COELHO DE SOUZA

IMPRÓPRIO
ATÉ 18/03

D.P.F. - DELEGACIA REGIONAL - GB
 CENSURA FEDERAL
 PROTOCULO N.º *2010*
 DATA *13/03/1969*

 ASSINATURA



ESCLARECIMENTO

O objetivo básico do espetáculo é demonstrar a morte da cultura atual, e suas conseqüências na vida humana. Não há nenhuma implicação política, a temática restringe-se apenas ao comportamento existencial do ser humano.

As partes faladas do espetáculo serão definidas durante os ensaios, baseando-se na teoria do teatrólogo polonês GROTOBSKY, onde se diz que o texto deve ser subordinado ao ator, e não vice-versa.

A elaboração do espetáculo contou com a colaboração do psicólogo Fernando Pedrosa, e do técnico em comunicações Antônio Oseas, para que fossem experimentados novos tipos de comunicação com a platéia, dando ressurgimento ao novo molde de se encenar teatro.

Mais do que um fato consumado, esta peça é uma experiência que visa engrandecer e colocar na vanguarda a arte nacional.

Paulo Coelho de Souza

Vera Richter

IMPRÓPRIO
ATE 18 ANOS



CENA 1

Prometeu, nos rochedos de Cítia, defronta-se com O Poder, a Violência, e Vulcano. Um cômico composto de dois atôres também está no palco.

O texto é elaborado de improviso sôbre a primeira cena da tragédia de Esquilo, "Prometeu Acorrentado". A frase básica da improvisação: "Eis a consequência de tua dedicação pelos humanos. Como deus, que tu és, fizeste aos mortais uma dívida tal que ultrapassou tôdas as prerrogativas possíveis."

O mise-en-scene é tradicionalmente clássico.

CENA 2

Alguém do cômico se adianta e faz o discurso de Marco Antônio diante do cadáver de César.

O texto é elaborado de improviso sôbre as palavras de Shakespeare, na tragédia "JÚLIO CÉSAR", tendo como frase básica de improvisação: "Quando César caiu, eu, todos nós caímos".

CENA 3

A cena, após o discurso, se transforma no julgamento de Jesus diante de Pilatos. Baseado no evangelho Segundo São Marcos, tendo como frase básica: "Eu lavo minhas mãos".

INTERMEZZO: Após a cena do julgamento, Cristo é condenado e um canto gregoriano começa a ser entoado pelos atôres, até atingir determinado climax

IMPI
ATC



CENA 4

Os atores pegam cajados e começam a bater descompassadamente no chão. Uma das atrizes faz um lento e anti-erótico strip-tease. Retirando o figurino de anagem e pobre, deixa aparecer uma linda roupa de plástico metálico.

CENA 5

Strip-tease, ao som de distorção eletrônica, do resto dos atores. Todos retiram a roupa de anagem, tendo por baixo o plástico metálico.

CENA 6

Três atores dirigem-se para o palco e começam uma cena do Teatro do Absurdo, com texto de palavras completamente desconexas, sem terem nenhum significado entre si. A cena vai até um climax, não pelo enredo, mas pelo tom de voz dos atores.

CENA 7

Quando a cena estiver atingindo seu auge, é interrompida e petrificada. Inicia-se uma projeção cinematográfica atrás da platéia, em 16 mm, com o filme que foi o primeiro colocado no Festival JB-Mesbla.

Cena 8

A projeção é interrompida. Auto-falantes laterais começam a transmitir Lohegrin, de Wagner. Só os auto-falantes de um lado da platéia.



CENA 8-B

Interrompe-se a música clássica. Os auto-falantes do outro lado transmitem guitarras em ritmo de ye-ye-ye. Apaga-se a luz do palco, ficando só a platéia iluminada.

CENA 9

Apaga-se luz da plateia, e dá-se um tempo no escuro. De repente, todas as manifestações contidas nas cenas 6,7,8, começam simultaneamente.

CENA 10

Um dos atôres, que não está na cena teatral, arma-se de um revólver. Junto com os outros, caminha para a tela de cinema e dispara um tiro. A projeção cessa. Dispara outro tiro contra os auto-falantes, a música cessa. Vai até o palco, mas um dos atôres que representam a cena do Teatro do Absurdo, o interrompe:

- Calma, amigo, afinal nós somos a única coisa lógica aqui. Você está num teatro.

CENA 11

Os outros 4 atôres colocam-se de lado e ficam olhando. Trocam a roupa de plástico por uma comum, padronizada. No palco, os movimentos vão falentando até desaparecerem por completo.

CENA 12

Um dos atôres se aproxima da cena. Constata, em voz alta, que todos estão mortos.



CENA 1

Os atorês saem do palco para o proscênio e ficam olhando o pano se fechar, lenta e dramaticamente. Toca uma música, exageradamente descritiva de réquiem, marcada de forma a envolver completamente a platéia.

CENA 14

Interrompe-se o Hino (música de réquiem) no meio, um dos atôres pula para o proscênio e pronuncia inflamado discurso sôbre a morte do teatro. A matéria do discurso é feita no improviso, durante os ensaios (técnica de laboratório artistico)

CENA 15

Cria-se uma polemização na platéia, os atôres discutindo inflama-damente o discurso com os espectadores mais próximos. Improviso de acordo com a resposta dos espectadores. Cria-se cênicamente um clima de anarquismo, cada um faz o que deseja.

CENA 16

Uma explosão sacode o teatro, seguida de uma forte sirene. O pano abre-se de rompante e no palco aparece uma televisão, circundada por gigantescos cartazes de propaganda. Nos auto-falantes ouvem-se anúncios, tela de cinema com filmes publicitários, projetor de slides jogando anúncios na parede, na tela e na platéia, de um modo anárquico. As luzes da platéia foram apagadas súbitamente.

CENA 17

Os atôres na plateia não cessaram sua polêmica acerca da morte do teatro com os espectadores. Vendo que não conseguem ser ouvidos, começam a gritar: "PAREM!". Participação do espectador



CENA 18

Uma das atrizes, no meio do pandemônio, após a súbita explosão de publicidade, corre para o palco e tenta desligar a televisão. Avança o contra-regra, e detem-na. Uma luta porlongada, sangüinária, tem lugar no palco, terminando com a morte da menina.

CENA 19

Após a menina cair morta na luta, todos os atôres sobem juntos ao palco, em silêncio, e numa verdadeira pompa conduzem o corpo da menina. É oficializa do um réquiem, após o que cada um dêle pega o cajado e sai girando. Os anúncios vão parando.

CENA 20

Um dos atôres pega o microfone e dirige-se à platéia. Entrevista um espectador sôbre a morte da cultura, em geral. O depoimento será gravado em fita e retransmitido após o espetáculo, quando os espectadores estiverem abandonando a sala de projeção.

CENA 21

Durante a entrevista, começa no palcã o canto gregoriano. Quando esta terminar, o canto já atingiu uma altura razoável. Um ator e uma atriz começam a se amar, romântica e adolescentemente, no palco. É na tela de slide, projeção de fotos de fome, guerra, miséria. O canto gregoriano se transforma numa música de yé-yé:

Vai acabar o nosso mundo
só nos restou este segundo
vamos beber o sangue imundo
que vai jorrar até fartar

E as mulheres correm nuas
descabeladas pelas ruas
enquanto sexo se espalha ao luar

Automóveis destruindo lares
bomba atômica em todos os lugares
do amor vem a radiação
e destroi nosso coração

Adeus, adeus poesia
a morte em lenta agonia
sorriso aberto vem contente nos buscar
vamos deixar

Vamos deixar a saudade
desta civilização
aonde o homem amou demais o seu irmão

O sorriso puro da criança
perdeu a esperança
em sonho vai mudar
O dinheiro ordenou
num ritmo quente a bomba sambou

Ei, ei, ei ei, radiação)bis
eu vou matar o meu irmão
não tenho outra solução

Ei, ei, ei ei olha o perigo
corre depressa pro abrigo
é meu irmão mas é também meu inimigo

CENA 22

Música eletrônica fortíssima: no palco distribuem-se:

- 1 padre
- 1 mãe
- a namorada violentada
- 1 chefe de polícia



CENA 23

Um dos atôres senta-se na plateia, fazendo o possível para identificar-se com os espectadores.

CENA 24

Os personagens que se distribuíram no palco (cena 22) começam a urrar desesperadamente, com chicotes chicoteando o ar. O casal continua a se namorar ingênuamente num dos cantos do palco.

CENA 25

O ator que está na plateia se levanta e ignora os urros no palco. Diz:

Chega-se um tempo em que não se diz mais: Meu Deus

Tempo de absoluta depuração

Chega-se um tempo em que não se diz mais: Meu amor

Pois o amor resultou inútil

E os olhos não choram

e as mãos tecem apenas u rude trabalho

e o coração está sêco (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

NOTA: para facilitar o assimilação da poesia pelos espetadores, pode-se colocar da seguinte forma: cada ator diz uma palavra da poesia.

CENA 26

Com o casal ainda ingênuamente se amando no palco (cena 22) começa projeção de slides dos pés dos trabalhadores. Ruído de passos cadenciados.



GENA 27

Apagam-se as luzes. A projeção de slides continua um pouco, depois cessa. O som de passos vai aumentando até que se ouve o som de uma metralha. Tudo escuro. Correria pela platéia (no escuro), berros, som a todo volume

INTERMEZZO: Canto Gregoriano
no escuro

GENA 28

Marcação de trechos mudos do apocalipse (S. João).

- F I N -



O APOCALIPSE

Há uma grande diferença entre adivinho e profeta. Adivinho é aquele que, pelos sinais ocultos da natureza, é capaz de estabelecer íntimas relações com o comportamento humano. Ao contrário, as manifestações proféticas se desenvolvem dentro de um clima inconsciente/sobrenatural, geralmente através de sonhos ou visões.

Apocalipse, em grego, quer dizer:Revelação. Num livro cheio de mensagens poéticas alucinantes, João procura descrever aquilo que hoje em dia chamamos "O Final dos Tempos". Acredita-se que o Apocalipse tenha sido elaborado entre 70-90 A.D., e tomando como base este período de tempo, surge a pergunta: seria o último livro da Bíblia um livro realmente profético, ou somos nós os responsáveis por tal rótulo?

Inicialmente, procuremos analisar sob o prisma histórico os fenômenos que aconteciam na época em que se acredita que o livro tenha sido escrito. Roma dominava o mundo, e o Cristianismo nem bem tinha nascido e ameaçava sucumbir. Cristo tinha trazido uma mensagem de fé, e não uma proposta de luta. Cristo falou, mas não a vitória final. preveu/nem procurou lutar para que suas idéias fôsem propagadas. Surge nesta época de desintegração messiânica, uma vasta literatura que poderíamos chamar de "literatura apocalíptica". Seus autores procuravam incitar nos remanescentes cristãos a esperança e a certeza de que seriam vencedores um dia. Seguem passo a passo o estilo dos grandes profetas bíblicos (Daniel, Isaías, Joel), usam uma linguagem altamente dramática, panfletária, enquanto procuram camuflar o conteúdo perigoso (a repressão romana funcionava sem piedade) através de imagens que só poderiam ser compreendidas pelos Iniciados.

O livro de João se enquadra perfeitamente dentro destes modelos que apresentamos. Se assim for, podemos considerá-lo como pelo menos a obra-prima da "literatura apocalíptica".

Mas existe outra hipótese, a de que tudo que João escreveu lhe tenha sido realmente Revelado. De repente as portas dos Céus se abriram e lhe foi dado conhecer a História da Vida. De volta à Terra escreveu um livro onde guardou para toda a eternidade o funcionamento do Grande Mecanismo. A Revelação.

Neste caso, João, como a maioria dos grandes Profetas, foi muito mais além do que a simples previsão de tal ou tal fenômeno futuro. O Apocalipse não trata de fenômenos isolados, ou de diferentes épocas. Não é a história do Juízo Final, não é apenas isto. É o conjunto de tudo, é o Sistema aplicado a qualquer situação, é a História da Humanidade & seu Fim, mas é ao mesmo tempo a História de cada Nação, e a História de um Homem. O Apocalipse e as Grandes Profecias resumem em palavras o movimento físico do Universo.

O mal de todos os grandes intérpretes, porém, é pegar os Livros Proféticos e tentar traçar paralelos exatos com situações definidas. Porque qualquer paralelo que se trace dá absolutamente certo, e aí reside todo o erro. Erro porque cada um acha que está com a verdade, e termina descobrindo este trechinho aqui e esta falinha ali que anula por completo a teoria dos outros e vem reforçar a própria tese. Todo mundo quer ser o grande champollion do Livro De São João, rotular imediatamente as imagens & relacionar as visões com situações sociais estabelecidas.

Mas o problema é que o Apocalipse não é uma mera descrição de fatos, e sim uma Metodologia, um Sistema pelo qual as coisas acontecem.

Este Sistema - cujas coordenadas básicas são as cenas reais que se entremesam com as visões oníricas - pode ser aplicado a qualquer plano da vida ou do conhecimento humano. Pode ser aplicado ao momento que estou vivendo agora - cada vida humana é um apocalipse, do nascimento à morte - pode ser aplicado à Decadência do Império Romano, ao Nazismo e à Terceira Grande Guerra. O próprio autor deixa uma pista, quando descreve a simbologia das 7 cabeças da Bêstia. Diz S. João: "...as 7 cabeças são 7 montes, mas são também 7 reis..." Para a mesma imagem, duas explicações completamente diversas (nações/homens), entre as mil e uma que ele poderia ter escolhido.

Parêntese: o que digo do Apocalipse pode ser aplicado a qualquer tipo de profecia estabelecida. Apenas me refiro mais ao livro de S. João porque todo mundo tem a Bíblia em casa e pode dar uma lida.

S. João usa símbolos porque o símbolo é a linguagem exata, objetiva, que fala mais ao seu inconsciente liberto que ao seu consciente já padronizado. Você pode sentar, abrir o livro e deixar que as coisas penetrem, então você SENTE que está compreendendo tudo, mesmo que seja impossível explicar até para você mesmo. Esta impossibilidade é um mecanismo de defesa, o mesmo que nos faz esquecer determinados traumas de infância. Você passa pela experiência mas você a esquece porque ela foi muito forte, veio muito de repente, você ainda não estava preparado. Se bem que a maioria da juventude possui certeza absoluta que ~~já~~ vai presenciar o Final dos Tempos, o Dia do Juízo? Numa pesquisa que realizamos na faculdade de Arquitetura/Química da UFRJ, e nas faculdades de Teatro/Música

da FEFIEG, dentre 156 jovens entrevistados, 85 responderam que presenciarão o Fim do Mundo.

Outro êrro muito comumente cometido por aquêles que se propõem a interpretar livros proféticos reside na tendência natural de colocar tôdas as visões numa ordem cronológica. Ora, uma profecia é um avanço no tempo, e partindo disto o próprio Tempo tem que ser questionado. NO Apocalipse, p.ex., os vários Sistemas apresentados (7 cartas, 7 sêles, 7 trobetas, as bêstas, etc.) se completam e se interligam entre si. Um não acontece depois do outro, mas ao mesmo tempo e no mesmo sentido. Unem-se como peças de um grande quebra-cabeças, formando o Sistema Absoluto, o Grande Mecanismo.

É claro que não é fácil encaixar estas pedras, pois o futuro tem que se proteger da interferência do passado. Por esta razão o Apocalipse está tão bem cifrado: mesmo que você consiga vencer todos os bloqueios emocionais e chegar perto do sentido do Livro, só lhe será permitido compreender depois de um longo caminho que começa com a modificação de você mesmo, para que nada do que você adquirir possa ser mal utilizado. Mesmo assim é fundamental que você tente sempre que possa, pois é como na alquimia: o processo é tão importante como o fim a ser atingido. E mesmo que as profecias e o Sistema não possam ser completamente compreendidos no final, você terminou andando um pouco mais do que pensava.